

Dados de catalogação bibliográfica: Mendes, S.D. (Org.) (2011). *Cronicando*. Buenos Aires: Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires.

Título: Cronicando

Organização: Sónia Dias Mendes

Edição: Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires

Data: Setembro de 2011

Local: Buenos Aires, Argentina

Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões Buenos Aires

Carlos Pellegrini 1515

Buenos Aires – CF

Argentina

info@institutocamoes.org.ar

Edição financiada por:

Instituto Camões, I.P.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Portugal

www.instituto-camoes.pt



NESTE ESPAÇO, ALGUMAS PALAVRAS...

Neste espaço, temos percorrido, desde 2007, vários cantinhos do planeta.

Neste espaço, temos visitado os países de (e através da) língua portuguesa.

Neste espaço, que é o Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões em Buenos Aires (Argentina), temos descoberto através da língua de Camões manifestações, culturas e realidades outras.

Desde o ano letivo 2007, que nos encontramos semanalmente neste espaço para celebrar a língua portuguesa, a língua que nos une apesar da aparente separação entre nós: entre a norma europeia, que eu falo, e a norma brasileira, que vocês aprendem e ensinam ou ensinarão no futuro.

Neste espaço, recheado de autores lusófonos, fomos construindo semanalmente a *nossa* arte de *cronicar*: a crónica, aquele género discursivo, que nas palavras de João Pereira Coutinho (2005), "pode partir da realidade mas, não raras vezes, (...) cria a sua própria realidade". Aquele género que ao tratar dos pequenos acontecimentos do quotidiano é capaz de atingir a mais alta poesia (Arriguicci, 1987), trazendo em si "o «eu» que fala por todos" (Damulakis, 1997, p.193). Com efeito, a crónica permite que leitor e autor se tornem amigos íntimos; ambos dialogam com despreensão os assuntos em pauta não pela importância nacional de que estes se possam revestir, mas pela forma particular e pessoal com que estes temas os tocam (Dimas, 1974).

Destes encontros, neste Centro de Língua Portuguesa, nasceram as crónicas que a seguir se apresentam e que representam uma pequenina amostra do trabalho realizado por todos vocês ao longo da disciplina *Língua Portuguesa IV* durante a frequência do *Curso de Profesorado en Portugués* no *Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández"* (Argentina).

A todos os meus alunos de *Língua Portuguesa IV* dos anos letivos 2007, 2008, 2009, 2010 e ao grupo de 2011, que começa a dar os primeiros passinhos na arte de *cronicar* no mesmo espaço onde nasceram estas crónicas que falam por e para todos. O meu profundo agradecimento a

todos vocês por contribuírem diariamente, qual lugar-comum!, para que eu aprenda cada vez mais e para que continue a crescer como docente.

E, em especial, a vocês, Ale, Andrea, Fred, Fer, Guille, Leo, Lili, “Maria” Lara, María Eva, Marce, Nacho, Romina, Rosinha e Santiago, que estão aqui presentes hoje a revisitar e a celebrar, através do “Café Literário: Cronicando”, o nosso trabalho passado, neste espaço, onde tudo nasceu e onde tudo continua a acontecer.

Sónia Dias Mendes
Leitora Instituto Camões Buenos Aires
Buenos Aires, 29 de Setembro de 2011

- Arrigucci, D.J. (1987). *Enigma e comentário: Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Coutinho, J.P. (2005, 23 de Julho). A arte da crónica. *Expresso*.
- Damulakis, G. (1997). Saramago, sempre Saramago. *Quinto Império: Revista de Cultura e Literatura de Língua Portuguesa*, 9, 191-194.
- Dimas, A. (1974). Ambiguidade da crônica: Literatura ou jornalismo? *Revista Littera*, 12, 46-51.

ÍNDICE

Detalhes do meu português ruim...(Alejandro Caramia).....	5
Diário de um casal (Andrea Levitt).....	7
Verdes anos (Federico Polastri).....	9
Definições (Fernanda Flores).....	11
Carta aberta a Tarzan Taborda (Guillermo Jiménez).....	13
A casa das palavras (Ignacio Spina).....	15
Cronicando com a língua (Lara Iglesias Araújo Silva).....	17
Saudades de Ireneia (Leonardo Garizzio).....	19
Os "Farfala" (Liliana Bustos).....	21
O argento e o futebol (Marcela Gil).....	23
A casa das palavras (María Eva Parisi).....	25
Ser cabeleireiro (Romina Heiber).....	27
A minha primeira crónica (Rosa da Silva).....	29
Fumar (Santiago Ure).....	31
<i>Nota da Organizadora</i>	33

ALEJANDRO CARAMIA

DETALHES DO MEU PORTUGUÊS RUIM...

Se tu as quintas-feiras estás aborrecido e coisa nenhuma te alegra, apanha um autocarro que leve o teu corpo ao prédio de Carlos Pellegrini 1515 na cidade de Buenos Aires. Entra pela porta de vidro, cumprimenta o segurança (é bom ser educado, tu nunca sabes o que poderá se passar contigo), vira à direita, sobe a escada, sim, aquela de madeira com a varanda de bronze, vira à esquerda até aparecer ante ti o melhor de Portugal e o pior da Argentina.

Lara sempre disse que eu sou um puxa-saco por isso digo estas coisas. Eu digo que tenho que compensar minha falta de proficiência na língua do grandiloquente Luís Vaz de Camões salientando a inteligência e a beldade da minha excelentíssima portuense professora é apenas um dos meus métodos. Outro método é copiar os trabalhos de meus colegas como eu proclamei na minha crônica *Criar, copiar ou plagiar*, a ser publicado proximamente em uma coletânea de minhas(?) obras pela editorial Atlântida onde trabalha meu bondoso colega Guilherme.

Não vai ter sucesso, não!, como as políticas neoliberais dos anos noventa; mas eu acredito, meu amigo, que será muito lucrativo, deveria confiar em mim!

Bem, tu já estás aqui, no Instituto Camões de Buenos Aires. Eu vou-te apresentar a turma inteira. Somos quatro alunos, o Fredy, o homenzarrão de óculos, o Leonardo, o gato, o Guilherme, o moderado, e eu, o Alexandre, sem adjetivação suficiente, uma aluna, a Lara, ciumenta de meu sucesso e fã da banda desenhada da turma da Mônica, e a citada maravilha lusitana, Prof. Sônia Dias Mendes, para os amigos, a Sonics. Porém, ela ainda não permite que nós a chamemos desse jeito.

Você é um safado; não, seu Fredy, não, eu sou apenas um interlocutor de modos desfreqüentes, só isso; você sempre zombando!; não, tu confundes-te, eu sou uma pessoa sem papas na língua, eu digo aquilo que penso ou o que me convém(?)... na verdade não lembro... mas não te estou a dar tanga.

As aulas têm uma elaboração estupenda com excelentes áudios e vídeos, textos do maior refinamento estilístico, material conceitual absolutamente esclarecedor e coroando tudo isso, a figura sabedorismática da Sonics, desculpe, Prof. Sónia Dias Mendes.

Mas nosso Português ruim enche as quatro paredes e as tinge de subdesenvolvimento retrógrado. Tomara que os Torquemadas da língua do nosso herói D. Afonso Henriques apaguem os “i” epentéticos, os sons fricativos e as aberturas exageradas e desnecessárias das vogais tônicas, e fomentem o uso e a frequência adequada dos pronomes “tu” e “você”, lutem pela pronúncia correta dos ditongos nasais [ãj] e pela nossa adorada colocação pronominal, mas incompreendida pelos transatlânticos, a mesúclise.

Você é um traidor, diz o Leonardo, liderando um exército de oito braços persecutores de meu nobre corpo. O Guilherme brada que eu era um filho do FMI. A gente vai matar você, une-se Lara apesar das diferenças conceituais.

Eu corrijo, diga assim: “Nós matar-te-emos”, é muito melhor.

Caro amigo que estavas aborrecido e tu foste testemunha da barbárie sul-americana, não chores por mim. Eu estou num melhor lugar ao lado da Bandeira das Quinas.

Luís Vaz de Pessoa, Cesário Antunes, Gil Verde, Amália Garrett, Almeida Rodrigues, Fernando Saramago, José Camões a reunião convosco está a chegar.

2010

ANDREA LEVITT

DIÁRIO DE UM CASAL

<i>Maria</i>	<i>Manel</i>
<p>08:00 h – Sexta-feira: acordo de bom humor, preparo o café da manhã cantando. O sol brilha e outro dia começa! Agradeço por estar viva e ter um marido tão bonito e doce que cuida de mim! Hoje faz 5 anos que casamos!</p>	<p>08:00 h – Sexta-feira: acordo só pensando no final do dia. Estou tão cansado do trabalho... Como gostaria de fugir para as praias do Caribe com uma loira bonita e beber cerveja o dia inteiro!</p>
<p>09:00 h – Sento-me ao seu lado. Tento conversar, mas ele ainda está um pouco adormecido. É compreensível... Trabalhou a semana inteira até muito tarde e já quase não tem energia para acabar o dia. Então, melhor ficar calada. Beijo e a gente se vê à noite! Até, meu amor!</p>	<p>09:00 h – Outra vez este pão de cereal integral que odeio com este queijo desnatado! Ainda bem que hoje almoço essas coxinhas de frango super gordurosas no boteco do João! Ela está muito silenciosa..., será que acontece alguma coisa? Melhor nem perguntar e, assim, aproveito a calma. Até Maria, se cuida!</p>
<p>12:00 h – Já comprei comida gostosa para preparar um jantar romântico, escolhi um bom filme para assistir juntos e à tarde vou para o cabeleireiro. Quero ficar linda para ele!</p>	<p>12:00 h – Não sei se beber uma cervejinha no almoço... Que bom que hoje é sexta!! Vou ligar para o Joaquim depois p'ra combinar p'ró jogo de pôquer à noite. O povo ficou ansioso com o resultado da sexta passada!</p>
<p>16:00 h – (olhando-se no espelho do banheiro) Este cabeleireiro é maravilhoso! Faz milagres!! Manel vai adorar! Vou preparar a mesa para o jantar e começar</p>	<p>16:00 h – (olhando-se no espelho do banheiro) Que bonito sou! Deveria exercitar um pouco mais os abdominais na academia... A Maria nem vai se importar, mas a loirinha</p>

<p>a cozinhar. Não sei se colocar velas brancas ou vermelhas...</p> <p>As vermelhas representam toda a minha paixão por ele, mas as brancas representam a paz que ele me dá. Não sei..., e se coloco as duas??</p> <p>19:00 h – Tudo pronto!! Só falta que ele chegue e fique surpreso. Tomara que goste de tudo e a gente seja feliz por muitos anos mais!!</p> <p>Estou tão nervosa..., como a primeira vez que a gente se encontrou naquela praia de Manaus! Bebíamos vitamina de abacaxi, sem saber que era a preferida de ambos..., quanta coincidência!</p> <p>21:00 h – (toca o telefone) Alô, Manel! Como está meu amorzinho?</p> <p>O que você disse? Não escuto bem..., onde você está??</p> <p>21:03 h – Você é um sacana!!! Isto não é justo!! Não faz ideia do que uma mulher irritada, zangada e esquecida pode fazer!! Até já!!</p>	<p>da recepção, com certeza, vai perceber! Morde a isca facilmente!!</p> <p>19:00 h – Antes de ir para casa do Joaquim vou passar pelo supermercado e comprar alguns salgadinhos e cervejinha gelada. Não gosto de chegar de mãos vazias nas reuniões com os amigos!</p> <p>Isso só o faz o Iván, pão-duro mesmo!</p> <p>21:00 h – Alô, Maria! Você tá boa?</p> <p>Alô...!? Tá me ouvindo? Estou no metrô indo para casa do Joaquim para o jogo de pôquer das sextas. Vou chegar tarde. Liga p’ra tua mãe ou alguma amiga e passem bem! A gente se vê depois! Beijos!</p> <p>21:04 h – Vai cair a ligação, amorzinho..., não tô te ouvindo... se cuida!</p>
--	---

FEDERICO POLASTRI

VERDES ANOS

Esse dia levantei mais cansada do habitual. Como de costume, ordenei para Dona Felícia que preparasse o café. Fui rapidinho ao toilette para tentar reabilitar o meu rosto. Eram quase nove e quinze da manhã e, daí a pouco, a agenda me indicava que o dia começava com a reunião da Comissão Diretora do Banco. Confesso-lhe: detesto esses encontros mensais com aqueles velhos decrépitos que se acham os faraós do mundo. Mas, paradoxalmente, fui eu mesma quem desejou, fervorosamente durante longos anos, ocupar um desses lugares.

Prossegui a rotina, derramei um pouco de dentífrico na escova e deixei a água cair, retratando uma espécie de cachoeira artificial, até esquentar. Nesse momento, uma voz longínqua:

— Dona Helena, seu café está servido.

Avisei que logo iria. Enxaguei os dentes e, quase sem dar-me conta, me detive um momento, olhando fixo para o cristal opaco do espelho. O reflexo desfigurado de mim mesma me deixou perplexa durante uns segundos intermináveis. O tempo estava aí, presente. Podia respirar o sangue frio do meu algoz. Era o dia da minha sentença. Já não podia sepultar os caminhos áridos que brotavam da minha face. Nem a cor primária do meu cabelo, nem as manchas escuras das mãos. Ninguém pode deter o curso implacável do relógio da vida. Ninguém pode. A mesma voz ressurgia agora, mas desta vez mais enérgica, pedindo clemência por mim:

— Dona Helena, o café vai esfriar.

Só pude soltar um:

— Tou indo, obrigada.

E tentei fugir com uma força bruta do patíbulo, mas foi em vão. Parecia não haver forma de escapar daquilo que sentenciaria o Juiz. De repente, voltei a concentrar a vista no espelho e umas imagens de outras épocas me invadiram por completo. As carícias da mãe, os resmungos aterradores do pai, as brincadeiras na escola, o primeiro beijo com o André. Agora

pareciam mais atuais. Os anos de estudo na FEA-USP, as noites de folia com as amigas, o namoro com Carlos Alberto. Em estado de hipnose, desprendi o ar com tanta veemência que a empregada indagou:

— A senhora tá bem?

Sem ter controle sobre o que dizia, respondi:

— Tou; só tenho um probleminha com o batom.

Ah, Carlos Alberto. Esse foi o grande amor da minha vida. Viver era o fato mais simples e precioso da existência humana. No mundo, podia acontecer o pior desastre, mas se estávamos juntos, nada mais importava. Nada mais. Naquele tempo, não existiam preocupações banais por trabalho, por todas as responsabilidades odiosas que nos assediam dia a dia. Dê liberdade à verdadeira voz de sua alma e diga se não tem coisa mais asfíxiante do que as responsabilidades. Sabe, nunca mais quis estar ao lado de outro homem depois daquela relação tão intensa. Acho que ele nunca vai me perdoar. Eu nunca me perdoarei a mim mesma. Veja quem sou agora, o que fez a máquina infame com aquela bonita moça despreocupada que amava a vida. Sim! Sou uma velha imunda, com uma herança órfã que está sozinha no mundo. Daria tudo por voltar atrás. Sim, tudo!

Depois de deixar cair umas lágrimas, tentei revigorar o espírito, atravessei bruscamente a porta do banheiro e fui até a sala de estar para tomar o café. Quando ia molhar os lábios, a empregada advertiu:

— Não, senhora. Deixe esse que já tá frio e tome este bem quentinho pra se recuperar.

Antes de sair da sala, Dona Felícia me observou com olhar profundo, hesitou dizer umas palavras de consolo e se perdeu pelo corredor da cozinha.

2010

FERNANDA FLORES

DEFINIÇÕES

Faltam apenas seis meses para o casamento da Clara e o Filipe e ainda há muito por arranjar. Ela vem tratando com prudente antecedência das questões que considera principais: o vestido de noiva - que já repousa numa caixa, no guarda-roupas -, o salão de festas, o envio dos convites, a escolha dos padrinhos... Porém, tem ainda pela frente alguns detalhes que convém definirem juntos.

Justamente, a Clara está trabalhando em casa - por enquanto, é aí que tem o seu estúdio de decoração de interiores -, quando recebe uma ligação da empresa de *catering*. Pedem que indique logo quais das opções dos pratos disponíveis vão escolher para "a noite mais especial das suas vidas". É urgente. Entendo... Uns meses antes, o casal conversou sobre diferentes iguarias, mas sem chegar a uma definição, motivo pelo qual a noiva promete dar uma resposta no dia seguinte e desliga.

Assim que o Filipe chega, o primeiro comentário dela (após os cumprimentos de rigor, claro) refere-se à imperiosa necessidade de escolherem o menu. Estranhamente, o noivo sempre feliz e apaixonado desta vez não parece se interessar demasiado pela conversa da mulher. Ela assume que está cansado, não entendo como você consegue passar tantas horas nesse escritório.

- Clara, ouve-me bem. Hoje foi um dia muito importante para mim no trabalho.

- Ah, que bom! Desculpa, não te perguntei, com esta questão da comida para a festa... Importante por quê? Conta...

Dois olhos escuros se fixam nele, que fica com ar sério e calado, olhando para o chão. Que estranho, o que será que aconteceu.

- Tá tudo bem, amor? - o sorriso doce desaparece.

- Tá, sim...

- Então, o que é que houve?

Mais uma vez, silêncio; ele não pode enfrentar o olhar dessa mulher que há quatro anos e meio o ama com loucura.

- Filipe, por favor! Estou começando a ficar preocupada...

Com a voz trêmula:

- Tem a ver com a filial na Angola.

Filial na Angola? Aliás, *a* filial na Angola? O cérebro se esforça por encontrar algum registro de conversas sobre filiais na Angola. Nada.

- Como assim, filial na Angola? Não tô entendendo...

- A empresa vai iniciar operações na África. Fui escolhido para gerenciar a nova filial de Luanda.

- Você foi... mas... Filipe, você... aceitou?

Ela até teria sido capaz de largar tudo e ir com ele para a Angola. Mas apenas se o tivessem projetado e decidido juntos, a dois.

Por enquanto, não consegue parar de chorar.

2008

GUILLERMO JIMÉNEZ

CARTA ABERTA A TARZAN TABORDA

Prezado Tarzan Taborda,

Embora o sentimento de afeto não seja recíproco, devo contar-lhe - antes de tudo - da minha profunda admiração por você. Não gosto de adular qualquer um, também não é que esteja tentando persuadi-lo de nada. Não pense isso, mas você é livre de imaginar o que quiser (-vivemos num mundo que pretende defender as liberdades de opinião, de credo, raciais, ideológicas, etc..!).

Saiba que não tive intenção nenhuma de ocasionar esta batalha entre “pugilistas” de diferentes pesos e, ainda menos, de ferir o orgulho do campeão, mas às vezes a vida nos coloca em situações complexas, das quais seria muito mais fácil fugir como um rato ameaçado por um gato faminto. Este não é meu caso, embora você pense todo o contrário. Entenda que não tirei proveito do meu lugar profissional: o divã freudiano faz os pacientes exporem seus sofrimentos, não mudar o que eles sentem.

Se agora estou usando esta antiga via de comunicação não é nem por cobardia nem por medo, é simplesmente uma maneira de expressar o profundo respeito que sinto pelo mestre das luvas douradas. Quem não poderia respeitar o “gigante de Coimbra”? As façanhas pelos ringues do mundo, os mais variados *knock-outs* nas terras inimigas, os *uppercuts* para sair de situações adversas, e a consagração contra Fred “o Assassino” Marteens naquela fria noite no Madison Square Garden. Ainda lembro os comentários depreciativos quando sua mirrada figura entrou no quadrilátero do palácio do pugilismo,

- Hoje há cheiro de sangue estrangeiro. Coitadinho, este portuguesinho!

mas eles não conheciam a “direita criminal” de Tarzan Taborda. Não os culpo, eu tive a mesma sensação a primeira vez que o vi no Casino de Espinho (quem é que diz que este torto garoto será o herdeiro do campeoníssimo José Soares Santa?), no entanto, a poucos minutos do combate contra Bruno Pereira, uma sucessão de *swings* e *hooks* fulminou as ilusões do rival e

minha desconfiança prévia. Na verdade, se algum jeito você tinha do rei da selva eram somente aquelas calças atigradas.

Você estará pensando que, com tanta lisonjaria de graça, estou evadindo a verdadeira razão da missiva. Não é assim. Quero-lhe contar que quando Margarita, a luz do seu coração, decidiu acabar o relacionamento com você, ela já tinha deixado as nossas sessões. Eu não lhe enchi a cabeça com besteiras. Foi a flor do seu jardim quem tentou convencer você de fazer terapias juntos, de que a vida continuava depois dos êxitos esportivos, de que os títulos -ao igual que o amor - não eram para sempre. Esta decisão não é o fim do mundo, e eu não sou o mais terrível dos seus inimigos.

O amor entre a mulher do campeão e o "abusador das tristezas alheias" (que sou eu, segundo sua opinião) começou por acaso: um encontro na estreia de "No quarto da Vanda". Talvez um dia possamos falar desta história como se fosse um combate retratado em preto e branco. Lembre que, embora não seja eu quem deva oferecer-lhe conselhos, todas as experiências -por ruins que sejam - nos ensinam algo.

Saudações cordiais,

Ricardo Vieira

2010

IGNACIO SPINA

A CASA DAS PALAVRAS

Escadas elevam a casa das palavras do resto da estrutura arquitetônica da mansão que a hospeda. Os patamares são feitos de uma madeira que emite sons heterogêneos – mas sempre familiares aos seus subidores – tocando uma música de boas vindas. E, claro, são muitos os que a frequentam, pois a casa das palavras é aberta à comunidade.

As visitas, porém, não atingem nem uma mínima parcela de sua população. A casa das palavras possui apenas duas divisões, mas milhares de moradores. Um dos quartos, na frente, é de trânsito obrigatório para chegar ao outro. Muitos residentes, em geral os dicionaristas, preferem dormir neste primeiro quarto, mas costumam visitar aos letradíssimos companheiros do quarto traseiro com frequência.

Lá chegam os visitantes. Depois de recuperar o ar roubado pelas escadas, se dirigem ao quarto do fundo enquanto a música de boas vindas se prolonga com os cantos surgidos da madeira que forma o chão por onde eles caminham. Os quatro vidros da janela exibem o trânsito da hora rachada enquanto o sol vai se despedindo da cidade. Centenas de árvores e edifícios imponentes acompanham a cena com total naturalidade.

À medida que entram – pois o horário de chegada é, em geral, incerto –, os visitantes preenchem as vagas que circundam a mesa para atingir juntos o objetivo que os reúne lá. A visita deles à casa das palavras é semanal e previamente planejada. É quase um gênero textual: repete-se em cada oportunidade conservando formas fixas que a caracterizam.

Sobre verdes, vermelhos e amarelos, os visitantes acompanham os harmoniosos delírios portugueses. Um dramaturgo portalegrense observa calado a situação, emitindo o mesmo gesto tanto para concordar como para discordar com o que os visitantes falam. Sua presença se estende a dois ângulos muito distantes do quarto: testemunha sem escrúpulos ao lado da mesa ao mesmo tempo em que espia escondido desde um cantinho inferior da janela. Ele faz isso – inconscientemente – seguindo os passos do maior poeta modernista português, que não perde detalhe algum observando secretamente desde o outro canto da janela.

São eles os espectadores mais privilegiados, mas não os únicos. Milhares de escritores também querem observar. Cada distrito português acompanha a situação na plateia oposta à do escritor portalegrense.

Em certas oportunidades, uma rádio quase imperceptível musicaliza silêncios ocasionais do ambiente, o que provoca a simpatia e a dúvida dos visitantes. De onde será que provêm aquelas falas invasoras? Apenas uma distração e eles voltam à tarefa.

Assim, os delírios portugueses – que moram na casa – são submetidos aos tratamentos cirúrgicos dos visitantes. Operam-lhes tudo o que eles quiserem com o maior sadismo e ambição. “Polifonia”, diz um dos visitantes excitando uma discussão com os outros. Discutem, discordam, concordam, discordam novamente e concordam outra vez com vontade de discordar. Outro visitante permanece na preocupação de procurar alguém perdido pessoal, temporal, espacialmente em uma crônica portuguesa.

Continua a cirurgia e os visitantes se divertem, conversam e aprendem. Até o final do encontro eles permanecem manuseando impunemente os moradores da casa. Tiram-lhe tudo que podem. Os delírios portugueses residentes da casa, contudo, desfrutam a cirurgia da maneira mais masoquista possível.

Aproxima-se o final da visita, mas os visitantes sabem que terão de voltar à casa das palavras para operar novos delírios. Estão muito cansados, é tarde e precisam de voltar para a casa. O jogo continuará na visita da semana seguinte repetindo o mesmo esquema até eles serem substituídos pelos novos visitantes que virão.

Os moradores, porém, continuarão sempre vivendo lá. E não só isso: eles seguirão se multiplicando em uma população tão rica como diversa em todos seus aspectos. Educadores, jornalistas, científicos, gramáticos, poetas e outros profissionais continuarão se instalando na casa das palavras. Até o discurso que o leitor acompanha neste preciso momento irá passar o resto da vida lá. Vida que será eterna, pois os textos podem ser esquecidos ou não lidos, mas nunca mortos. E, apesar de tudo, a disponibilidade da moradia seguirá oferecendo vagas para os novos residentes. É que a casa, mesmo lotada, nunca estará cheia. Não pelo espaço físico do que ela dispõe, mas pela própria natureza dos seus moradores. Isso, claro, é por ela ser a casa das palavras. A casa da língua. A casa da língua portuguesa.

LARA IGLESIAS ARAÚJO SILVA

CRONICANDO COM A LÍNGUA

Quem já tomou aulas sabe como é! Há turmas que são tranquilas, outras que nem tanto e outras que são um furacão. No ensino fundamental as turmas, em geral, são no mínimo de umas vinte crianças. Já no segundo grau pode variar pois podem ser turmas de quinze alunos ou mais. Agora na faculdade a coisa muda, nas universidades normalmente podemos encontrar de cinquenta a cem alunos por disciplina, se não é mais!

Mas eu escolhi um curso em que as turmas não superam os vinte e cinco alunos, e isso é nos dois primeiros anos. Podemos ter disciplinas nas que poderia se dizer que são uma aula particular, o que a meu ver (e sentir) ajuda a tornar o aprendizado mais personalizado.

Este ano estou fazendo a última aula de língua portuguesa, para os que não sabem é a número quatro. Tive a sorte de me encontrar com dois colegas com os que me dou super bem. É a professora, o que posso dizer, eu digo toda vez que ela é um petardinho; sempre está ativa e alegre, acho que só uma vez em todo ano que tive aulas ela esteve meio apagada

(ô Ale, a sonics tá de pavio molhado por isso está tão quietinha e calada)

Mas esse dinamismo que ela possui contagia a gente, pois mesmo que você esteja muito cansado acaba se empolgando com toda a energia que ela tem.

Estou aprendendo a cronicar. Sempre gostei deste gênero discursivo e por isso escolhi esta cadeira em particular. A crônica é um texto dinâmico, simples e que qualquer pessoa consegue entender. É um ótimo material para se trabalhar em sala de aula, seja uma aula de língua estrangeira ou língua materna, adolescentes e adultos com certeza vão se empolgar com este tipo de leituras.

Tenho aprendido muito sobre o que é uma crônica e como distingui-la de outros gêneros. Mas o que mais gostei foi de poder redigir as minhas próprias crônicas!!! Gente, não imaginam o que representou para mim ver que eu podia criar textos neste gênero, melhor

dizendo, num texto narrativo. Confirmei que posso me expressar em texto acadêmicos tanto quanto em textos narrativos!

Ainda estou aprendendo a cronicar e tentarei continuar cronicando depois de finalizar o meu curso. Espero poder continuar cronicando cronicamente até que as crônicas cronicuem na minha alma tão naturalmente que se torne um hábito escrever sobre assuntos cronicáveis e poder me sentir uma cronicadora.

Bom, espero que depois de lerem esta humilde crônica, meus queridos colegas, eu consiga chamar a atenção e incentivar a curiosidade de vocês para este estilo de narrativa!

2010

LEONARDO GARIZZIO

SAUDADES DE IRENEIA

Os músicos, geralmente, expressam nas suas canções as diferentes sensações e pensamentos, que vão surgindo nos momentos de inspiração. As letras refletem o estado de ânimo do artista. Essa situação íntima, que combina a mente, a alma e o coração musical junto com o papel receptor de ideias, estabelece uma conexão única e especial, confirmando que essa profissão é uma das mais interessantes do mundo. E eu acredito nisto!

Já de menino, eu gostava da música, dessas melodias que escutava na rádio e namoravam meus ouvidos. Além disso, eu escrevia alguns poemas de amor para minha mãe. Será por causa do meu pai, que foi cantor e violonista em uma banda de samba? É possível. Mas o que eu lembro é a liberdade que tive para escolher minha carreira, sem o virtuoso músico me persuadir a seguir o caminho da arte musical. (Ele ia aceitar minha escolha, embora não estivesse relacionada com a música. Ele só queria minha felicidade). Suponho que a minha decisão teve a ver com a profunda admiração que aqueles dedos espertos, na hora de tocar violão, geravam em mim.

Namoradas, família, noite, cerveja, todas elas foram, e são, os motivos das minhas músicas. Mas Ireneia foi a musa que inspirou a canção mais linda que eu compus, pela sua letra e também pela "sua sucessão agradável de sons". Nunca conheci coisa parecida, apesar de ter conhecido muitas do mesmo estilo. Nunca acreditei no amor a primeira vista, como acredita Chico César (... Quando vi você me apaixonei...), mas, na primeira vez que eu a vi, uma esquisita sensação percorreu meu corpo: a sua beleza e sua perfeição estética paralisaram o funcionamento do meu coração. Admiração, alegria, paixão, atração. Embora pareça exagerado, tudo isso é o que senti nesse momento, e sinto toda vez que a vejo. Meus amigos dizem que é linda, mas para mim esse adjetivo não é suficiente. É maravilhosa.

Infelizmente, faz muito tempo que não tenho contato com ela. Ela mora muito longe de mim. Eu gostaria de me casar com ela, de dormir todas as noites com essa figura sedutora, de sambar com ela, de beber umas cervejinhas com ela, mas é impossível! Você pergunta por quê?

Você acha que é por causa da distância física que existe entre nós dois? Não, amigo! Só porque uma praia ainda não pode ocupar o lugar de uma mulher...

2010

LILIANA BUSTOS

OS “FARFALA”

Uma casa no bairro de Balvanera com forma alargada e construção simples foi o ponto de encontro. A residência contava com um espaçoso pátio ao final de um corredor a um lado, e do outro lado, mais um recinto e uma cozinha mínima. No meio do primeiro, uma porta verde, fechada e a seguir outro corredor que acabava diretamente em uma grelha de ferro. Esta largava muito fumo e um cheiro muito gostoso. A seguir, outro espaço descoberto, menor do que o primeiro e, finalmente, os banheiros. O lugar parecia preparado para o tipo de evento para o qual fomos convidados.

Chegamos lá através do convite de um colega de trabalho, que faz parte de uma organização que se dedica à recreação e educação popular. O objetivo do evento era arrecadar dinheiro para essa entidade. Para isso, vendiam pizza, hambúrgueres e sanduíches de linguiça, para comer, e, para beber, cervejas e refrigerantes. O ambiente era familiar, lá se encontravam pessoas de todas as idades e todas elas pareciam dispostas a passar uma noite divertida e em boa companhia. Se você tiver a oportunidade não deixe de assistir a um evento assim.

Ao redor do pátio maior, junto das paredes, havia cadeiras para as pessoas mais velhas e por todo lado havia jovens conversando em grupos menores. Em um canto, tinha um aparelho de som de onde a música soava muito alta.

Um locutor que interrompia por momentos a música anunciava o que iria acontecer através do tempo e informava o público do que podia ser comprado para comer e beber. Também ele relatava para o público os serviços que o grupo oferecia à comunidade.

Apesar de o evento acontecer à noite, o espaço estava coberto na parte superior por uma espécie de teto feito com um tecido meio grosso, de cor preta que serve para proteger-se do sol. Por baixo do pano, estavam penduradas bandeirolas de várias cores e sobre as paredes, enormes cartazes que representavam a entidade.

Um jovem casal composto por um homem e uma mulher interpretou várias músicas brasileiras. O moço tocou violão e a jovem cantou. Algumas das músicas escolhidas eram de

Marisa Monte, Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque, entre outros. Uma mulher e seu parceiro dançaram tango no meio de grandes aplausos. Uma menina fez *swing* com um par de paus que tinha luzes azuis e vermelhas.

Tudo foi maravilhoso até esse momento. No entanto, o melhor ainda não tinha chegado. O espetáculo ia começar, três jovens se preparavam detrás de um grande balcão. As luzes estavam desligadas. A mesa, enorme, de cor laranja e coberta de um pano preto, estava colocada na frente da multidão que se sentou no chão, no meio do salão e nas cadeiras que rodeavam o recinto. Na margem que estava mais perto do público, o móvel tinha vários círculos de cores diversas. Alguns deles eram lâmpadas que iluminariam a cena.

O público, ansioso, expectante, esperava pela atuação. Enquanto os artistas se preparavam na escuridão do salão, os assistentes cochichavam e riam desfrutando do encontro. Entre as palavras em tom baixo, escutei gargalhadas e risos das pessoas que estavam lá no recinto.

De repente, explode a música e aparecem os intérpretes. Três jovens de chapéu e com grande quantidade de maquiagem no rosto, localizados atrás da mesa, imediatamente colocaram acima do balcão quatro marionetes que produziram um grande impacto nas pessoas, eles ganharam vida através dos moços que os dirigiam com grande habilidade. Da esquerda para a direita, a primeira figura era de uma altura aproximada de cinquenta centímetros, sua cara era exageradamente grande e seus maxilares eram quadrados. Vestia de cor preta. Os dois bonecos do meio eram muito mais baixos do que o anterior e suas pernas eram muito altas. O último títere tinha uma manta verde e vermelha e sua altura era intermediária em relação aos anteriores. Todos eles fizeram uma série de representações das músicas que se escutaram. Algumas foram: a de um Disc Jockey para a qual, ao primeiro boneco, lhe colocaram um auricular, e os outros dançavam ao ritmo da música, outra foi a de um casal que brigava, outra atuação foi uma dança, na qual, dois deles sofriam perseguição dos outros, etc. Desfrutei muito desta representação.

Os verdadeiros intérpretes do número produziram um efeito impressionante no público porque eles atuaram de maneira muito ativa, gesticulando, pegando os microfones, movimentando as mãos e a caracterização de todos eles foi realmente brilhante. Deste modo, as figuras passaram ao primeiro lugar através dos jovens que os movimentaram e se converteram nas estrelas da apresentação.

MARCELA GIL

O ARGENTO E O FUTEBOL

Se há alguma coisa sagrada na vida do homem argentino, essa é a hora do futebol. E mais do que nunca, no dia em que joga seu time favorito. Todo mundo sabe disso... ou pelo menos deveria saber... Porém, há algumas vezes...

Domingo passado, bem na hora em que eu me dispunha a assistir o jogo do meu time amado, Independiente, a campainha tocou.

Quem era? A vizinha de ao lado, com uma xícara de café na mão. Oi, seu Cadu! Ahh me desculpe o incômodo, mas, por acaso, o senhor teria um pouco de açúcar a mais? Ó, o Carlinhos ligou avisando que viria lanchar com uns amigos e quando arrumei tudo para preparar umas bolachas, dei pela falta dele, viu?

Aí, o Cadu indo procurar uma xícara de açúcar para dona Ermê. Obrigada querido! Deus e o nosso menino Jesus te abençoe.

Até que enfim! Bem, muito bem, agora uma gelada, o jogo e eu!! Só nós três!!

Senhoras e senhores! Mais uma vez voltaremos a viver o clássico de domingo. Hoje o Independiente de Avellaneda visitará um dos seus maiores rivais de toda sua história esportiva, o River Plate de Núñez...

Vamo' lá Independiente, porra!! Hoje, tem que vencer!!!

Segundo estatísticas da AFA, há 21 jogos que o Independiente não consegue ganhar do River. Hoje, talvez seja o grande dia em que "Los Diablos Rojos" desmanchem a maldição que os persegue há mais de uma década e levem para Avellaneda uma vitória.

Vamo' lá Independiente, pô! Vamo' nessa!... O telefone começa a tocar... Droga! Mas, quem podia ser numa hora dessas!! Oi, Cadu? Filho! Estava ocupado, querido? Ainda bem que você atendeu... quando foi o dia em que você se esqueceu de que tinha mãe, hein? Era mamãe reclamando da minha ausência. E que um filho não deve se afastar muito tempo da família e que

a Norminha ´ tá grávida. E que coitadinha da titia Dedé com esse reumatismo que a deixa maluca de dor.

Ter uma conversa *edípica* era do que menos precisava nesse momento. Eu te amo, mãe. Mas, será que dá para continuar o papo depois? Isso, estou tratando um assunto importante, viu? Beijo pra você também.

Resolvido, desligo o telefone. Vou na geladeira procurar uma pizza de ontem, sento e logo aí, uma publicidade da Quilmes. Poxa, só descolaria de uma gata dessas com cirurgia! Mmm, que bunda mais gostosa! Pensar que ontem de madrugada acabei transando com uma baranga... Putz, até que acho que superei o meu recorde... Essa menina aí pesava, pelo menos, uns 100 quilos! Hahaha. Seu filho da mãe!

Primeiro tempo do jogo, o Gandin pega a bola, faz um lance para a área contrária. Agora é o Mancuello que tem. Corre. Olha pra um lado, olha pro outro...

É isso aí, Mancuello. Agora passa a bola para o Mareque!! Passa pra ele!!! Passa, eu digo!!! Paaaassa, Paaaaaassa!!!!

O jogador do River fica com a bola...

Porra, seu moleque! Enquanto isso, o celular avisando a chegada de um torpedo. Agora, o quê?

Era a secretária pessoal do chefe avisando que amanhã eu teria que ingressar uma hora antes, para receber as mercadorias que vêm do exterior. Também, pediu que eu a acordasse 6.30h. Claro, desde que eu pudesse..

Às vezes, querer acompanhar o jogo de futebol do time preferido pode se tornar uma missão quase que impossível. Não obstante, e disto ninguém se esqueça, se uma mulher pretende conquistar um homem argentino, respeite seu horário de futebol, seja ele qual for. Na televisão, ao vivo, o do seu time, o do time do outro, jogando por videogame, com amigos, etc. Se ela conseguir respeitar isso, aí, só aí, terá conquistado o seu coração. E, se por acaso, ela também souber cozinhar... ah, aí o terá para sempre.

MARÍA EVA PARISI

A CASA DAS PALAVRAS

Palavras átonas, palavras tônicas.

Palavras bonitas, palavras feias.

Palavras oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas.

Palavras que moram onde? Alguém sabe?

Sempre achei que as palavras, tal como as pessoas, possuem diferentes moradias, e são estas moradias as que marcam as características de quem habita nelas.

Assim as palavras que rimam, moram em poesias que recebem a visita de escritores, profissionais e aprendizes, que procuram fazer da leitura uma música inesquecível.

No mesmo bairro, estão as casas onde moram as palavras que enchem contos, crônicas, romances e tantas outras histórias que fazem com que a imaginação, tanto minha como sua, voe sem limites e nos deixe conhecer personagens como o Chapeuzinho Vermelho, A Branca de Neve ou O Senhor Valéry.

Já, em um bairro mais afastado podemos encontrar uma velha mansão, muito requintada, pintada com cores pastéis e cheia de flores onde moram as palavras mais antigas e utilizadas do mundo, estas são as palavras das cartas de amor: paixão, saudades, felicidade, alegria e eternidade são algumas das moradoras desta casa, mas, caro leitor, não pense que por estar falando de amor tudo aqui é cor-de-rosa, no terceiro andar habitam: solidão, tristeza, melancolia e aflição entre muitas outras que, com certeza, alguém alguma vez nos apresentou.

Para finalizar, e não deixar você com um sabor amargo na boca, vou dizer que também, não muito longe da mansão do amor, está a residência das palavras mágicas que não são aquelas conhecidas como abracadabra ou Carpe Retractum ditas por Harry Potter, são palavras que sempre nos deixam um sorriso e alegam nossos dias, estas são: família, filhos, obrigado, desculpa, amor, amizade...

Agora é a sua vez! Fique a vontade e acrescente todas aquelas palavras que transformam sua rotina numa vida maravilhosa, até logo!

2009

ROMINA HEIBER

SER CABELEIREIRO

Alguma vez, vocês, meninas, mulheres e anciãs, imaginaram o que é para um homem ser cabeleireiro? Acho que não. Ninguém pensa em nós, acham que somos superficiais e que só reparamos na estética das pessoas, mas juro que não é assim!

Nós também sentimos aquilo que vocês sofrem, porque, para o caso de não saberem, além de cortar o cabelo, ouvimos vocês!

Eu não estudei para ser psicólogo, mas não há um dia no meu trabalho em que eu não tenha que dar um conselho ou uma orientação para alguma de minhas freguesas: é melhor você não passar bola para ele, assim ele vai perceber a perda de seu amor mais rápido. E, em geral, os conselhos estão relacionados com suas relações com os homens, claro!

Agora, eu me pergunto: quem escuta os cabeleireiros? Quem ouve as nossas penas? Às vezes, meus ouvidos ficam quase surdos por causa das vozes das mulheres! E, além disso, depois do trabalho, eu chego em casa e continuo ouvindo as queixas da minha esposa: por que você ainda não consertou o meu secador de cabelo? Você poderia, pelo menos, me trazer algum de seu salão, né? E nem falar em minha sogra! Se fosse por ela eu já deveria ter me instalado na sua casa para penteá-la todos os dias!

Eu acho que não escolhi bem o meu ofício, talvez deveria ter sido psicólogo de verdade. Sem dúvida, ganharia mais dinheiro e, como teria estudado para isso, a minha cabeça estaria mais preparada para ouvir tanta bobagem junta!

Sim, por favor, minhas queridas leitoras, não se ofendam, mas aquilo que vocês chamam de problemas é bobagem mesmo!

Noutro dia, no salão, uma senhora me disse que estava muito preocupada porque se tinha esgotado o estoque da panela que queria comprar. Era um horror.

Há meninos que nem comem e a senhora preocupada com uma panela, quando, conhecendo-a, deve ter vinte e cinco panelas para usar!

Nesse mesmo dia, outra freguesa me falava sobre a desgraça de ter uma filha solteira de 30 anos. Era terrível, como podia ser que uma menina tão bonita e inteligente estivesse sozinha a essa idade! É que já não havia homens! Isso era culpa do mundo moderno, claro!

Ai! Minhas adoráveis freguesas... Problemas são os meus por ter nascido homem e, pior ainda, por ter escolhido trabalhar para vocês. Essa, a minha profissão, sim que é um castigo mesmo! Por isso, se algum homem estiver lendo as minhas palavras e ainda quiser ser cabeleireiro, por favor, lhe recomendo que pense mais uma vez! Sua saúde mental está em perigo!

2009

ROSA DA SILVA

A MINHA PRIMEIRA CRÓNICA

Hoje, depois de tanto tempo, deparei-me com um problema, não conseguia encontrar um tema para fazer uma crónica! Apesar de *eu* já estar a fazer Língua IV e de ter estado em frente ao computador mais de duas horas, na verdade, não conseguia, não conseguia mesmo escolher um tema. E pensei:

- Que difícil é isto!

Os temas reproduziam-se na minha cabeça, lia e relia as crónicas de *Lobo Antunes*, *Maria Lúcia Lepecki*, *Clara Ferreira Alves*, etc. Recordava todas as teorias que a professora nos ensinou na aula. Eu comecei por acreditar que isso era fácil, fingia que não era difícil, que era só uma questão de concentração. Mas não, nada disso era assim. Nem sequer podia continuar a fingir que era coisa de todos os dias. Logo depois, parei de simular que isso era uma tarefa fácil, porque os meus pensamentos já não davam para mais! Decidi levantar-me da cadeira, fui até à varanda e, enquanto via passar as pessoas que corriam como gado para poder fazer tudo antes de anoitecer, pensava:

- Como pode ser que o *José Luís Peixoto* faça uma crónica todas as semanas para o *JL*?

(não só o jornal, e os livros que escreve!)

Lembrei-me das palavras desse grande autor português quando deu a conferência no *Lenguas Vivas*, e eu lhe perguntei:

- De onde é que o José Luís tira os temas para as suas crónicas?

Esse bonito e simpático escritor disse-me:

- Escrevo um pouco da realidade e outro pouco da ficção.

E deu a modo de exemplo o tema do seu livro *Morreste-me*.

Uma força veio dentro de mim, voltei para o computador e pensei:

- Se calhar, daqui a duas horas, vou ter a crónica.

(pensei num momento de ingênua ilusão)

Mas não foi assim, só depois de um longo tempo tinha o tema: *A Minha Primeira Crónica*.

Novamente, pensei nesse outro grande Autor Português *António Lobo Antunes*, que ainda não acredito que eu, sim eu, *eu* o conheci na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires em 2004, ignoro o dia. Reli a *Crónica que não me rala um chavo como ficou*. Identifiquei-me com ele

(ainda bem que Lobo Antunes não o sabe!)

e disse em voz alta:

- Sábias palavras, António!

Sim, António, e disse António mesmo, com confiança como se fôssemos grandes colegas. Olha eu colega desse GÊNIO, sim, GÊNIO com maiúscula!

Essas benditas palavras que fizeram com que não me afligisse porque não podia escolher um tema. E nem pensar em escrevê-lo! Disse sim "benditas palavras", pois estava em frente a essas linhas e lia-as e relia-as " (...) *"tão mal escrita esta crónica, como fazê-la melhor, mais elegante, mais bonita, uma crónica, que não me envergonhe, não desiluda os leitores."*

- *"Que porcaria de texto (...)"*

Essas linhas foram o finca-pé para que eu pudesse dizer em voz alta e com muita força:

- Como fazer melhor a minha primeira crónica, mais elaborada, com toda a teoria que a professora nos deu, e que não me envergonhe, não desiluda a professora e ela diga:

- Rosa, onde é que colocaste o que aprendeste na aula de Língua?

E como disse Lobo Antunes "*(...) não me importa, não me rala, quero lá saber, a única coisa que interessa, que verdadeiramente interessa, mesmo que repita, escreva mal, tropece nas frases, faça erros, me engane (...)"* e digo hoje, sim, hoje sábado 1 de Setembro de 2007, já quase meia-noite, e se calhar até poderia dizer que já é Domingo. Digo convencida que a única coisa que interessa, que verdadeiramente interessa, é que hoje escrevi *A Minha primeira Crónica*.

2007

SANTIAGO URE

FUMAR

Fumar é prejudicial à saúde. A gente fuma.

Fumar faz muito mal. A gente sabe, mas mesmo assim, fuma.

“Fumar es un placer genial, sensual”, diz o único tango espanhol que fez sucesso em Buenos Aires.

Fumar é uma coisa que não só nos faz mal, mas também ao próximo, que é forçado a engolir a fumaça alheia ou minha ou sua.

Fumar é cada vez mais caro, os governos colocam impostos, proíbem fumar em lugares fechados, abertos, semi-fechados e semi-abertos.

Fumar é uma atividade que não leva tanto tempo assim, mas se fizéssemos exercício no tempo dedicado ao cigarro, nossas vidas seriam bem melhores.

Fumar, sem dúvida, é a causa da morte de milhares de pessoas por dia, por hora. Nem falar então dos dentes todos amarelos.

Porém, a gente continua fumando.

Kurt Cobain fumava Winston light (mas não morreu por causa do cigarro... suicídio, eis a causa). Gardel fumava, não sei que cigarros, mas fumava; até as pessoas que vão no cemitério da Chacarita deixam um cigarro aceso na mão da estátua. Aníbal Troilo fumava; Astor Piazzolla, também. Cartola fumava. Noel Rosa então... aquela foto com o cigarro. Louise Brooks fumava e morreu por causa do cigarro... você sabe, às vezes não sei se estou delirando ou não, por causa desta doença, disse ela para um repórter. Camus fumava... rapaz, o cara tinha tuberculose, e mesmo assim dava uns goles de cigarro. Mark Lanegan largou o cigarro. Fotos e cigarros se dão bem, perguntem ao Cortázar e ao James Dean.

Fumar, assim... eu também fumo, né? Mas sinto culpa, tenho medo do meu pai ficar doente, porque ele também fumava, antes de largar. Outro dia, eu almocei com ele, e ele tossindo, e eu "Será que ele está doente? Será que esse negócio fica no seu organismo durante anos sem você perceber?". Tomara que não. Fiquei preocupado. Pai, vá ao médico, mas explique que você não fuma mais há anos, e minta dizendo que eu não fumo mais, por via das dúvidas.

Fumar é uma atividade social muito esquisita, a gente acaba conversando com pessoas com quem nunca teria falado. Ou, às vezes, assim na rua, um desconhecido pede um cigarro, e você, fumante (ou fumador, caso seja português ou tenha interferência do espanhol) sente aquele prazer ancestral em compartilhar com alguém aquilo que você tanto aproveita. Obrigado. E lá vai embora o desconhecido todo nicotinado fumando um cigarro que até pouco tempo era seu. Tchau, moço.

Fumar é proibido em bares, pubs e tal. Como é que não abrem bares para fumantes? Acontece o seguinte: com certeza seriam melhores e bem mais legais do que os bares de não fumantes. E aí o que aconteceria? Chegariam os não fumantes correndo atrás da diversão dos fumantes, mas querendo apagar o fogo sagrado.

Fumar é muito gostoso, é um vício, é uma droga... Espero sentir o prazer de fumar uns bons cigarros enquanto chove lá fora; na escuridão, o cigarro tem um sabor diferente.

Fumar... espero não fumar mais.

2009

NOTA DA ORGANIZADORA

As crônicas constantes neste livro, *Cronicando*, "Carta aberta a Tarzan Taborda", "Saudades de Ireneia", "A casa das palavras", "Diário de um casal: Maria/Manel", "Verdes anos" foram escritas a partir dos títulos dos seguintes autores e respectivas publicações/obras:

"Carta aberta a Tarzan Taborda" in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"Saudades de Ireneia" in Antunes, António Lobo (1998). *Livro de Crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

"La casa de las palabras" in Galeano, Eduardo (1991). *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

"Maria/Manel" in Gameiro, José (2008, 6 de Setembro). *Diário de um Casal, Única*.

"Verdes anos" de Carlos Paredes.

As crônicas que se encontram compiladas nesta edição foram escritas por estudantes durante a frequência da disciplina *Língua Portuguesa IV*, lecionada pela Leitora IC Buenos Aires, Sônia Dias Mendes, anos letivos 2007 a 2012, no curso de *Profesorado en Portugués no Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández"* (Buenos Aires, Argentina).

organiza

Sónia Dias Mendes

- Instituto Camões Buenos Aires -

escrevem

Alejandro Caramia

Andrea Levitt

Federico Polastri

Fernanda Flores

Guillermo Jiménez

Ignacio Spina

Lara Araújo Silva

Leonardo Garizzio

Liliana Bustos

Marcela Gil

María Eva Parisi

Romina Heiber

Rosa da Silva

Santiago Ure

com o apoio

